

# JORNAL DO BRASIL

FUNDADO EM 9 DE ABRIL DE 1891

Rua do Senado • Otárgo • 7 de Novembro de 2005 • Ano CX - Nº 211

## JORNAL DO SÉCULO

### Domingo sangrento na Rússia



SANGUE NA NEVE



**GRÁTIS**

Hoje e nos próximos nove domingos, o leitor do JB receberá o **JORNAL DO SÉCULO**. Você sabia que a televisão ao ser inventada não tinha futuro? Isso e os principais fatos que marcaram o século 20.

PATROCÍNIO CORREIOS

COMO NOS BONS TEMPOS



Petrovic, o rubro-negro mais aplaudido, e o tricolor Roger, veloz no ataque

## A volta do velho Fla-Flu

Mística do clássico contagia jogadores e torcedores dos dois times

Flamengo e Fluminense se enfrentam hoje, no Maracanã, com promessa de muita emoção. Os rubro-negros estão embalados pela vitória por 4 a 0 sobre o Vasco na rodada anterior, mas assustados com o tropeço do time diante do River Plate na Maracanã. Os tricolores vêm dando espetáculo de alegria porque a vaga está praticamente assegurada e o time do artilheiro Magno Alves, Rigor e Rêis tem demonstrado confiança que é um sério pretendente ao título do Campeonato Brasileiro de 2006. A mística do clássico de hoje contagia o paulistano Dentinho,

o paranaense Alex, o pernambuco Gutierrez e o baiano Edilson, os caras jogadores do Fluminense que se destaca o jogador Petrovic. O Fla-Flu é também visto como de disputa especial de sequência. Para evitar conflitos, foram mobilizados 1.200 policiais, embora a expectativa seja a de um clima tranquilo. O governo do estado está antecipando investimentos para diminuir e reprimir brigas de torcedores e ações de marginalidade. Provedores estaduais também traçam estratégia para overhead a violência em dias de jogo de futebol. (Página 16 e Esportes, páginas 1, 4 e 5)

Leão não sabe se, no futuro, terá Romário e Ronaldinho. (Esportes, pág. 8)

## Economia dos EUA domina as eleições

O vigor inédito da economia americana domina as eleições gerais desta terça-feira, com um empate técnico nas pesquisas entre o republicano George W. Bush e o democrata Al Gore. A campanha foi dominada pelo uso que ficou do super-IT, pela personalidade dos candidatos e pelas temas sociais em discussão. (Caderno especial de eleições)

## Europa faz propostas de parcerias

O comitê de Relações Exteriores da União Europeia, Christopher Patten, chega amanhã ao Rio para dar um empurrão nas negociações com o Mercosul. Patten espera estabelecer a parceria com o Brasil e pagar uma frente de cooperação, como disse ao JB, em entrevista com "respostas inovadoras" os detalhes da "distribuição injusta de riqueza". (Página 19)

## Ex-policial que executou 97 hoje faz poesia

Correinha conta segredos de esquadrão

O ex-policial Antonio Correia, o Correinha, prepara livro de memórias no qual contará a história de seu Esquadrão da Morte de São Paulo. Chefe do grupo de comitê dos mais conhecidos no país no fim dos anos 60 e início dos 70, ele é apontado como autor de 97 dos 196 homicídios atribuídos ao esquadrão, mas confessou ter matado cerca de 20 pessoas. Correinha ficou da pri-

são há quase 20 anos e vive escondido em São Paulo, dedicando-se a fazer poemas. Para ele, o delegado Sérgio Paranhos Fleury, comandante de outro grupo também batizado de Esquadrão da Morte e um dos principais agentes da repressão no regime militar, era apenas um "bêbado maldoso". "Não me arrependo de nada. Acho que cumpri minha missão", diz Correinha. (Página 6)

## Classe média é maior cliente de produto de luxo

Não são milionários, mas pessoas da classe média, os maiores compradores de objetos de luxo, como uma bolsa de couro de R\$ 20 mil e relógios de R\$ 10.500. Esse consumo movimenta, ao longo, US\$ 113 bilhões por ano. No Brasil, mais de 70% das vendas de arte são especializadas de até R\$ 500. (Economia, pág. 4 e 5)

## Encontro debate os resultados da privatização

Os efeitos da privatização na economia brasileira serão avaliados nesta quinta-feira, em debate promovido pelo JORNAL DO BRASIL, na Federação das Indústrias. Esportes e debatores vão debater os benefícios de corretas da privatização, especialmente nos setores de telecomunicações, distribuição de gás e transportes. (Economia, pág. 2)

## REVISTA DOMINGO

Galeria de tipos cariocas ganha nova personagem

Peladinhos deixam mulheres à beira de um ataque

## VIDA

Os itens na lista de quem busca o par perfeito

## CASA

Estilo provençal, a harmonia sem perder a classe

## VIAGEM

Bahamas, um paraíso cercado por mar turquesa



**JB**  
 PRESENTA O FIM DE SEMANA  
 "Não acha que seu Natal vai ser melhor se for de que se não passou?"  
 www.jb.com.br

**PREÇO**  
 Venda em banca para RL, RL, RL, RL  
 R\$ 2,40  
 1ª Edição  
 © 2005, 2006, 2007, 2008, 2009  
 1ª Edição

# Nas entranhas do Esquadrão da Morte

Policial que chefiou grupo de extermínio de bandidos escreve livro de memórias

MACIEL/AGÊNCIA QUADROS

SÃO PAULO — O homem de cabelos brancos, que por hábito clássico, discute com filosofia, lê livros e escreve poemas em defesa da vida (sem delirar por isso que "não por sua forma calada") em sua vida inteira e personagem celebrado pela fama de violento nos dois períodos mais fortes da crítica política brasileira, Astoriz Cordeiro, o Cordeiro, hoje com 80 anos, é uma espécie de lenda viva. Ex-chefe do Esquadrão da Morte paulista — como ficou conhecido — mais tarde grupo de policiais que extirpavam delinqüentes, no final dos anos 60 e início dos anos 70, — um que cometeu assassinato, é apontado autor de 57 dos 126 homicídios atribuídos ao Esquadrão. Admite ter participado de cerca de 20.

Trinta anos depois de abandonar a bandalheira com sua Winchester calibre 44, de 12 fôcos, e também insuspeito pela Browning 45, Cordeiro ficou em um aposento de caráter — fora um estalado, transportando sua memória para o livro autobiográfico que está escrevendo, onde conta sua trajetória e os bandidos da polícia paulista. É uma confissão de sua vida pelas vilas do antigo Esquadrão da Morte. Cordeiro responde a cerca de 40 processos e ainda é alvo de um mandado de prisão. Seus crimes já prescreveram, mas se for localizado, poderá voltar para a cadeia.

Moroso levando sua vida clandestina, o Esquadrão da Morte é um assunto que não o constrói. Ele assume o papel de comandante dos sete "homens de mão" da Polícia Civil de São Paulo. "Quando o Esquadrão chegou à bandalheira não veio com a gente, veio ao contrário", afirma Cordeiro, localizado pela JORNAL DO BRASIL, num escritório da Zona Sul de São Paulo.



Astoriz Cordeiro, o Cordeiro, escreve livro com a história do Esquadrão da Morte de São Paulo

## Correinha: Não me arrependo"

O Esquadrão da Morte encontra sua origem nos anos 1970, depois que a Justiça abriu processo contra cerca de três dezenas de policiais acusados por Hélio Bicudo. O ex-procurador conseguiu a condenação de vários deles e acusou o grupo de cometer "crimes maiores que a própria polícia" e de ter se transformado num organismo paralelo e incontrolável. Bicudo sustentou que uma boa parte dos policiais havia migrado para o crime, envolvendo-se com quadrilhas de traficantes e fornecendo proteção à prostituição organizada e a outros crimes. O ex-procurador afirmou que o Esquadrão também teria cometido o Prisão Tróica, para executar os em estradas afastadas da zona urbana.

Cordeiro garante que sua tarefa foi apenas extirpar, mas acusa o Esquadrão de cometer crimes. "O pessoal que estava com o Esquadrão Fleury já falava que era todo bandido", afirma. O fim do grupo foi decretado também pelos militares, que já começaram a executar ordens de prisão como se os fatos que poderia assumir a imagem do regime. Depois dos processos, Cordeiro foi expulso da polícia. Comprou para no Proterramento do Estado, onde conseguiu, através de um hábil corretor, que a justiça criasse o Proterramento da Polícia Civil. Passou lá o restante dos oito anos em que ficou preso.

No início dos anos 80, já em poder demitido, mas com o hábito de ser recebido cada vez que era chamado a julgamentos, fugiu. Zangado pelo juiz, escreveu-se em suas memórias e agora quer contar com um passado. Impediu sua filha de ler — e permitiu a ser escrito por dentro do Esquadrão. "Não me arrependo de nada. Acho que cometi uma missão", afirma.



O ex-policial em ação, em 1967, com dois líderes de bandidos; fama alcançou depois de ser demitido



O ex-Secretário de Segurança Ernesto Dias, autoridade desafiada pelo comandante do esquadrão

## Fleury foi o maior rival

Um agente com mais de cem registros de prisões, não só sempre apontado como o maior principal dos capangas, não deixa dúvidas de que, em pleno regime militar, Astoriz Cordeiro era o policial mais famoso e temido da polícia paulista. Antes dos principais policiais carcerais da época, como Manoel Maricóni e o hoje deputado João Godinho Cordeiro, Cordeiro conta que havia intensificado as informações e ações entre os esquadrões da Morte e São Paulo. "Vida mais bandida do Rio de Janeiro", em São Paulo, foi o que construiu. Localizavam-se vagabundos e entregavam ao Esquadrão carcerais. O que faziam com eles não importa", conta, como quem sabe que o destino dos presos, em geral, era a morte.

Cordeiro faz questão de diferenciar a atuação de seu grupo — "os verdadeiros Esquadrão da Morte" — do chamado pelo ex-delegado Sérgio Paranhos Fleury, o policial beneditino que mais influenciou a história e a repressão policial na ditadura militar. Segundo sua versão, muitos dos esquadrões de Fleury chegaram a quem se recusava, na disputa por um crime que Cordeiro havia prometido. Na verdade de seu investigador, Fleury sobre do prisão e teria tentado tomar a honra da ação. "Se disse a ele que a casa era minha e que não ia abrir mão de levar a presa", lembra. Cordeiro sustenta que, ao contrário de Fleury, foi o agente de "não combater delinqüência", e por isso mesmo, sua tarefa não era a violência, mas a ordem e a segurança dos cidadãos de respeito na época.

Ele garante que, embora tenha sido acusado em alguns momentos junto com o grupo de Fleury, os dois não tinham nada em comum. Da que a confusão foi criada pelo então procurador de justiça Hélio Bicudo, vice-procurador eleito de São Paulo e representante do Brasil no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas. Bicudo conseguiu que a justiça e o comandante a fim de ser pela morte de seu bandido em Magé das Neves. Procurou, diz Cordeiro, era também uma forma de vincular politicamente o Esquadrão que comandava ao grupo de Fleury.

"O Bicudo botou todo mundo no mesmo caldeirão. Mas não havia nenhuma relação entre os dois grupos", jura Cordeiro. Ele diz que os principais homens de Fleury foram recrutados no antigo Guarda Civil. Há sua espécie, formada apenas por investigadores, foi escolhida "pela competência e pela vida pregressa".

"O Fleury é um fôfoco todo. O que ele procura é ter sua força política", lembra. Mesmo não tendo participado da repressão política, Cordeiro afirma que o grupo de Fleury matou e era dirigente da Aliança de Libertação Nacional (ALN), Carlos Marighella. "O Fleury achou que o Marighella estava armado e com segurança. Mas ele estava desarmado e sozinho. Ele é o matador por ordem", conta.

Antes de publicar suas memórias, Cordeiro já tinha um currículo preenchido por grandes casos policiais solucionados. Presença lúbrica procurados — como João Alcides Pereira, o Bandido da Luz Vermelha, sobre o qual escreveu "O arrependimento de não tê-lo matado" —, o assassinato de Carlos Brilhante, da parte do empresário milionário João José Antônio, de quem ele se tornou uma presença de substância para não cometer o mandado de prisão. "Disse a ele que não discutia não tinha a vida e que ele estava preso", lembra. A mesma versão é repetida aos jornais da época.

## Trinta anos para confessar crime

Paralelo de Cordeiro, filho de um delegado que era também delegado, Cordeiro afirma que não permitia ser policial. A opção surgiu por acaso. Mais pela primeira vez no início dos anos 80, quando chegou aos policiais que trabalhavam na antiga Fundação Unificada do Departamento de Investigações (FUDI) e foi chamado para contar sua história de ser recebido cada vez que era chamado a julgamentos, fugiu. Zangado pelo juiz, escreveu-se em suas memórias e agora quer contar com um passado. Impediu sua filha de ler — e permitiu a ser escrito por dentro do Esquadrão. "Não me arrependo de nada. Acho que cometi uma missão", afirma.

Cordeiro solucionou casos famosos, como o seqüestro dos filhos do empresário paulista Manoel Cordeiro, em 1965, o primeiro seqüestro no Brasil. Foi então transferido para a Delegacia de Resolvidos do antigo Departamento de Estatística de Investigações Criminosas (DIEC), onde passou a lidar com o grupo de policiais que ficava conhecido como Esquadrão da Morte. O apelido foi dado pelos jornalistas, que sabiam que quando o grupo não era um crime e o crime estava morto.

"Se o bandido não se entregava e estava morto, mais todos os que estavam em mão", conta. O problema, como ele mesmo admite, é que, quase sempre, o seqüestro marginal não se entregava.

O período de maior atividade do Esquadrão foi de 1968 a 1970. Foi o período de Cordeiro que seu desmanche de delinqüências criminosas. "Lembro do Sotano, do Luiz Carlos Pinto e do Sapucaia". O último nome logo ficou conhecido. "Vou eu matar, mas não quero", diz, lembrando, mas de uma delinqüência depois, que é o caso de um crime não esclarecido. Cordeiro diz que há uma época em que ele era um criminoso porque não havia autoridade de polícia, David Paul.

O ex-policial conta que a morte de Paul desencadeou a maior operação do Esquadrão. "No entanto, já me vingava e disse que se voltava para a delegacia quando encontrasse um responsável pelo crime. Foram 70 dias no pó de Sapucaia e de sua quadrilha. No final, 11 bandidos estavam mortos", afirma. A imprensa era avisada sobre o local da detenção dos corpos por um personagem que se apresentava, por telefone, como o promotor da "Luz Branca", "Cordeiro diz que "Luz Branca" era, na verdade, o falecido delegado Alberto Barboza.

Cordeiro fala-se de sua atuação incluindo em plena detração. Além de buscar proteção contra Fleury, também entrou em contato com outros dois esquadrões do regime. Um deles foi o chamado Exército Deus, conhecido pelos seus membros, e o secretário de Segurança de São Paulo que, segundo ele, tentou pagar com a prisão de um criminoso. O ex-policial conta que disse ao então secretário que a ele não sabia quem poderia contar. O outro caso, envolveu o Ministério de Aeronáutica. Cordeiro perdeu um labor de jornalismo que havia detestado no pós com um assessor, até de um hábil de Aeronáutica. Na hora de levar a forma para a delegacia, o delegado que trouxe em defesa de está. Levou sua nota e foi obrigado a acompanhar os policiais.

A Aeronáutica abriu um Inquérito Policial Militar (IPM). Ao se apresentarem a delegacia, os policiais foram presos, alguns deles torturados. Cordeiro conta que foi e voltou a se apresentar, mas lembrou que foi logo arrestando a um coronel. "Disse a ele que sabia que meu colega havia levado para o que se tornou por a mão em mim, era melhor que me matassem. Sendo eu me vingaria."